

PROJETO, TERRA E LIBERDADE: CASA COMUNITÁRIA ILÉ WA QUILOMBO MESQUITA
PROJECT, LAND, AND FREEDOM: THE ILÉ WA QUILOMBO MESQUITA COMMUNITY HOUSE
FRANCINEY DE FRANÇA, OCTÁVIO SOUSA

Franciney Carreiro de França é Arquiteta, Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo, bacharel em Matemática, com Pós-doutorado em Arquitetura e Urbanismo. É professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (UNICEPLAC). Pesquisadora do Laboratório de Configuração Arquitetônica da FAU-UnB e do grupo de pesquisa DIMPU, onde estuda espaço doméstico, história da casa brasileira, configuração e modo de vida. franciney.franca@uniceplac.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/6342158936669343>

Octávio dos Santos Sousa é Arquiteto e Mestre em Arquitetura e Urbanismo. É Professor Adjunto do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). Coordena pesquisas sobre história da arquitetura e da cidade, processos de projeto em arquitetura, apropriação social de espaços públicos e ensino de arquitetura e urbanismo. octaviossousa@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0618345087723460>

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2022

Como citar esse texto: FRANÇA, F. C. de; SOUSA, O. S. Projeto, Terra e Liberdade: casa comunitária Ilé Wa Quilombo Mesquita. **VIRUS**, n. 25, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v25/623/623pt.php>. Acesso em: dd mês. aaaa.

Resumo

Este trabalho discute, a partir de um exercício empírico de projeção, as possibilidades de ruptura com lógicas hegemônicas de produção do espaço e da materialidade em arquitetura. A proposta é o projeto para uma Casa Comunitária no Quilombo Mesquita, localizado em Goiás, a cerca de 50 km do Plano Piloto de Brasília. As comunidades quilombolas têm sido, desde seu surgimento, uma alternativa às estruturas sociais de opressão. Elas representam resistência cultural e organização social do povo negro e seus descendentes. Territórios e tradições quilombolas simbolizam, em síntese, a liberdade. De que modo uma arquitetura pensada para o Quilombo pode contribuir para romper com estruturas espaciais hegemônicas e expressar liberdade? O presente trabalho busca responder a essa questão a partir de uma discussão que se relaciona com valores contra-hegemônicos, design contra-hegemônico e saberes vernáculos, temas propostos nesta edição da Revista **VIRUS**. O objetivo foi criar um espaço a partir de uma lógica não hegemônica de projeção. Para isto, o território, a história do Quilombo e a participação da comunidade foram essenciais no processo de definição de diretrizes e desenvolvimento. A metodologia se estrutura na contextualização teórica e histórica sobre os quilombos, com enfoque no Quilombo Mesquita, e no processo de desenvolvimento de projeto, cujo resultado é a Casa Comunitária Ilé Wa. Neste projeto, o sentido de liberdade é expresso a partir da relação com o território, da configuração espacial e dos elementos construtivos. Ao valorizar a memória, os saberes vernáculos e a luta pela liberdade que está na essência dos quilombos, o projeto mostra possibilidades da arquitetura romper com estruturas espaciais que remetem à opressão.

Palavras-Chave: Quilombo Mesquita, Casa Comunitária, Projeto, Comunidade quilombola

1 Introdução

As comunidades quilombolas surgem como oposição ao regime escravagista, representando lugares de liberdade, resistência cultural e organização social própria, ou seja, espaços contra-hegemônicos desde sua origem. São mais de três mil comunidades quilombolas reconhecidas no Brasil, mas o número pode chegar a seis mil. Mais que uma referência do passado, elas preservam a cultura negra na contemporaneidade. O Quilombo Mesquita é uma dessas comunidades, constituído a partir de três escravas libertas ainda no século XVIII, e está localizado no Estado de Goiás, cerca de 50 km do Plano Piloto de Brasília. De acordo com Nascimento (1985) e Santos (2015), a liberdade está associada ao quilombo, pois ele representa a antítese do cativo. E, de acordo com Aguiar (2015), a conquista da terra é a materialização desse sentido de liberdade. Portanto, como o significado de liberdade pode ser expresso no espaço arquitetônico? O espaço arquitetônico pode contribuir para romper com estruturas espaciais hegemônicas? Este trabalho busca responder a essas perguntas a partir de uma discussão sobre o projeto para a casa comunitária Ilé Wa Quilombo Mesquita¹, que teve como objetivo desenvolver uma arquitetura que seja, na essência, contra-hegemônica, como são os quilombos.

A discussão apresentada neste artigo se vincula aos seguintes temas propostos para esta edição da Revista **VIRUS**: Valores contra-hegemônicos, Design contra-hegemônico e Memória e patrimônio, em especial aos saberes vernáculos. O processo de desenvolvimento do trabalho consistiu em uma abordagem teórica de pesquisa sobre os quilombos, com especial ênfase no Quilombo Mesquita, e um desenvolvimento empírico do projeto. Na discussão teórica, apresentada no tópico 2 deste texto, foram analisados os valores contra-hegemônicos presentes na história e nas dinâmicas sociais e culturais dessas comunidades e os elementos que manifestam o sentido de liberdade. No processo de projeto, apresentado no tópico 3, as diretrizes de programa e tecnologia construtiva foram definidas em interação com a comunidade. Já o anteprojeto busca materializar o sentido de liberdade a partir da relação com o território, da configuração espacial, em que são utilizadas as categorias analíticas da Sintaxe Espacial² e dos elementos construtivos.

¹ Ilé Wa significa “Nossa Casa” na língua Iorubá. O nome foi proposto por Manoel Barbosa Neres, historiador e morador do quilombo.

² Surgida na década de 1970, o foco da análise da Sintaxe Espacial é a configuração, com ênfase no movimento das pessoas e nas relações básicas entre visibilidade e permeabilidade dos espaços (HILLIER, *et al.*, 1976; HILLIER; HANSON, 1984).

O objetivo foi criar um lugar que abriga diferentes atividades como espaços de formação e encontros multigeracionais. Para isto, o projeto busca romper com padrões arquitetônicos, que têm na configuração espacial a reprodução de espaços hierarquizados e de forte controle social, facilmente encontrados na história da edificação brasileira. Desta forma, o artigo busca contribuir no debate sobre resistências culturais por meio de uma arquitetura contra-hegemônica ao valorizar a memória, os saberes vernáculos e a liberdade, que está na essência dos quilombos.

2 Quilombo e Liberdade

De acordo com Beatriz Nascimento³, é preciso inverter a análise histórica e sociológica quanto ao estudo da questão negra no Brasil, tirando a centralidade da escravidão e substituindo pela história do quilombo. Este olhar é fundamental para entender a história dos negros a partir das suas construções sociais, políticas, ambientais, territoriais e econômicas (CONAQ; TERRA, 2018). A resistência negra inicia no momento da captura até os dias atuais. Prova disso é a constituição de quilombos, cujos registros são encontrados em documento português ainda em 1559 (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2000)⁴. O quilombo representou uma alternativa concreta à sociedade escravista, tanto no modo de vida como na produção e na organização social. Do ponto de vista da economia, essas comunidades eram autônomas, produziam alimentos e comercializavam com cidades próximas (AGUIAR, 2015). Ou, de acordo com Nascimento,

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança de uma sociedade melhor. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo (NASCIMENTO, 1985, p. 47).

Portanto, o quilombo representa a liberdade e pertencimento em contraposição ao cativo e às estruturas sociais hegemônicas. Outro elemento importante na dinâmica do quilombo é o vínculo não apenas com o lugar, mas com a terra, o território propriamente. Essas comunidades continuaram com os descendentes e mantiveram tradições, crenças e modos de vida. Existe um Brasil Quilombola, dados recentes mostram que o país possui 5.972 localidades quilombolas em 1.672 municípios. Cerca de 1.800 estão em processo de titulação, cerca de 400 territórios são oficialmente reconhecidos e menos de 200, titulados (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO, 2022; BARROS, 2020). Portanto, menos de 2% das comunidades quilombolas tiveram seu direito à terra reconhecido, longe de cumprir o que determina a Constituição Federal em seu Art. 68. A Figura 01 mostra o número de comunidades quilombolas em processo de titulação e efetivamente tituladas.

³ Beatriz Nascimento (1942-1995) foi historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres. É considerada uma das mais importantes pesquisadoras e teóricas da história negra no Brasil.

⁴ Desde 1549 até abolição da escravatura no Brasil, em 1888, várias foram as lutas e resistência do povo negro. Levou um século para terem na Constituição Federal de 1988 o direito à titulação de seus territórios, conforme Artigo 68, da ADCT, que estabelece a obrigatoriedade de o Estado Brasileiro emitir os títulos das terras tradicionalmente ocupadas.

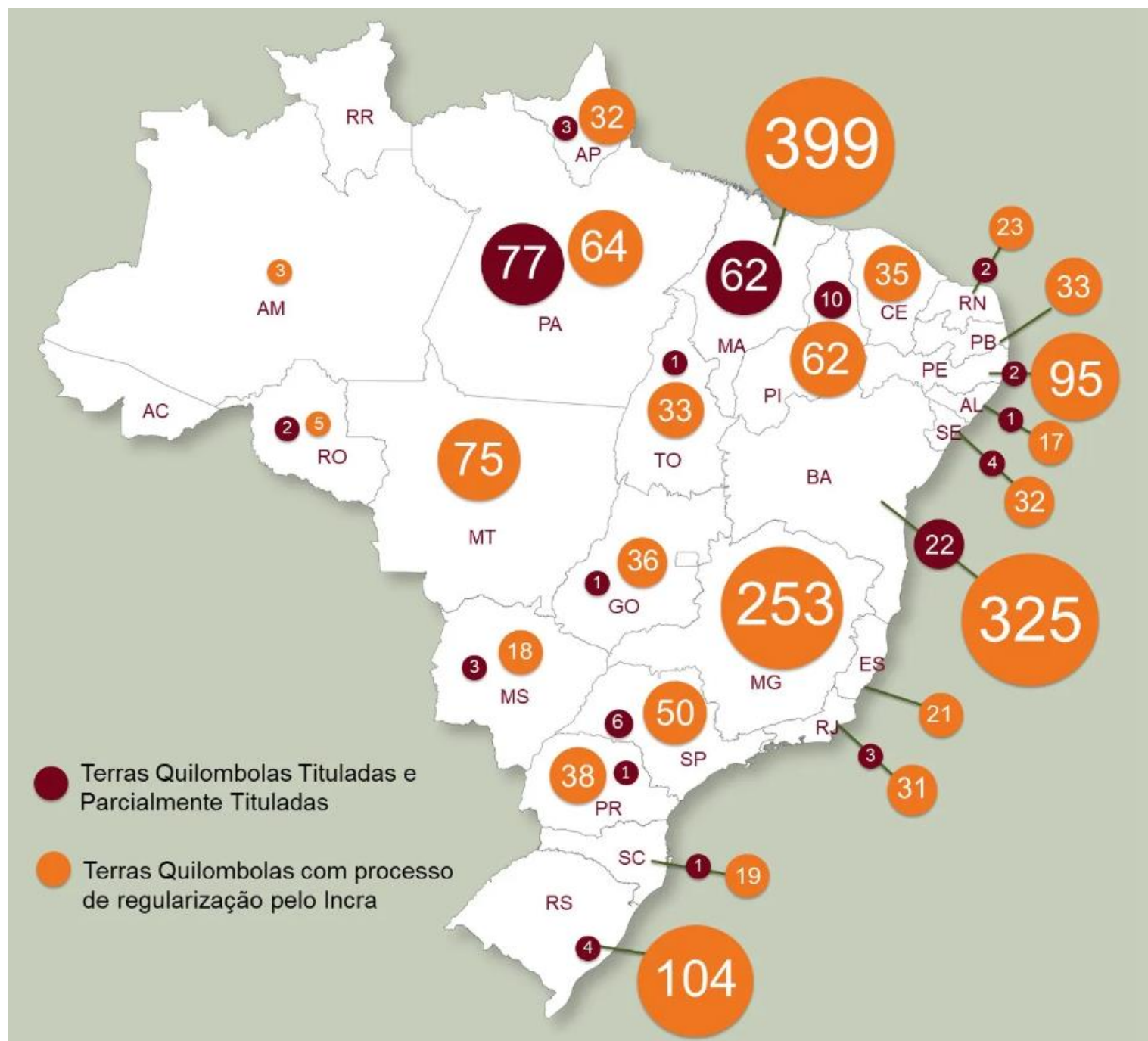


Fig. 1: Territórios Quilombolas no Brasil. Fonte: Comissão Pró-Índio, 2022. Disponível em: <https://cpisp.org.br>. Acesso em: 25 nov. 2022.

A ideia de quilombo apenas como território em áreas rurais também não se aplica mais à realidade brasileira. Estes territórios, outrora distantes dos centros urbanos, estão agora próximos às cidades, fruto do crescimento urbano no Brasil. Este é o caso do Mesquita, um quilombo periurbano, localizado próximo da capital federal, no município de Cidade Ocidental, conforme Figura 2. Em 2006, o Quilombo Mesquita foi certificado pela Fundação Cultural Palmares (INCRA, 2011), com quase trezentos anos de história.

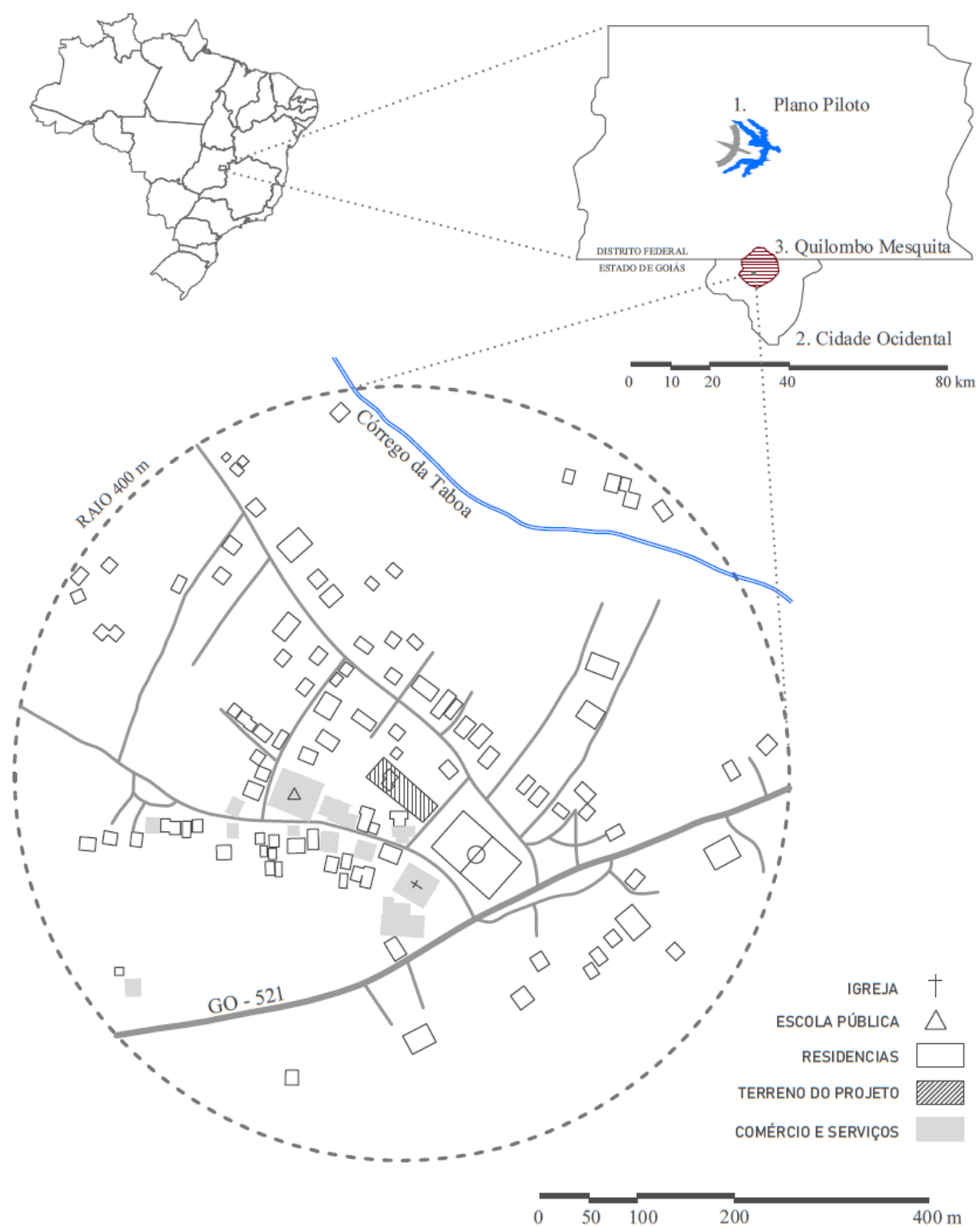


Fig. 2: Localização do Quilombo e área de intervenção. Fonte: Autores, 2021, adaptado do Google Earth Pro.

No século XVIII, a busca por metais preciosos chegou à capitania de Goiás e foi o principal motivo para o uso da mão de obra escrava (AGUIAR, 2015). A história do Quilombo Mesquita está diretamente ligada ao ciclo da mineração na Região Centro-Oeste, mas também aos Bandeirantes. Em 1746, o bandeirante Antônio Bueno de Azevedo chegou ao interior de Goiás, na vila de Santa Luzia, hoje Luziânia, em busca de ouro. Com a comitiva do bandeirante, estava José Corrêa de Mesquita (NERES, 2015; AGUIAR, 2015).

A exploração do ouro prosperou até 1775, mas, com o declínio da mineração, grande parte da população branca se desfez ou abandonou suas propriedades, o que provocou a desvalorização das terras (NERES, 2015; AGUIAR, 2015). Isso favoreceu a permanência dos negros nas áreas remanescentes da exploração de minérios. Portanto, se para os brancos a terra não tinha mais valor, para os negros "a terra, propriamente dita, associava-se com a liberdade" (AGUIAR, 2015, p. 31). Com o fim do ciclo do ouro e a proclamação da Lei Áurea, em 1888, os negros libertos passaram a viver na Fazenda Mesquita (NERES, 2015). Neste período, José Corrêa de Mesquita dispôs de terras da sua propriedade para três escravos

libertas (NERES, 2015; INCRA, 2011). As três famílias originárias do Quilombo (Pereira Braga, Lisboa da Costa e Teixeira Magalhães) descendem dessas matriarcas fundadoras da comunidade (OLIVEIRA, 2012). A Figura 3 mostra a Igreja Nossa Senhora da Abadia e o campo de futebol, próximo ao terreno escolhido para o projeto.



Fig. 3: Campo de futebol e Igreja. Foto: França, 2021.

Para Anjos (2006, p. 106), a formação do quilombo Mesquita tem “a imagem das três mulheres negras fundadoras da comunidade”, que preservaram as tradições culturais de matriz africana. Posteriormente, recebeu negros livres de várias regiões e, por isso, a identidade quilombola Mesquita é muito rica, formada por diferentes grupos com “ancestralidade comum, estrutura de organização política própria, sistema de produção particular e partilha de elementos linguísticos e religiosos” (ANJOS, 2006, p. 108). Para Anjos (2006), o cotidiano é como “guardião das tradições”. Como guardiões, os mesquitenses zelam por várias tradições do Centro-Oeste (festas, folias, danças e cultivos alimentares). Entre elas, destacam-se a Festa do *N'golo* (uma bebida à base de *Hibiscus sabdariffa*, de origem angolana); o projeto cultural Som de Quilombo; o cultivo de plantas medicinais, festividades e produção do doce de marmelo, considerado a marca do Quilombo (SANTOS, 2011). As Figuras 4, 5 e 6 mostram um pouco desse cotidiano, a produção de alimentos orgânicos, o espaço de reuniões, livros do projeto Arca das Letras.



Fig. 4: Produtos orgânicos. Fonte: Gideoni Júnior/Coletivo Enoá, 2013. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/ancestralidadeafriicana/albums>. Acesso em: 25 nov. 2022.



Fig. 5: Espaço de reunião existente. Fonte: Gideoni Júnior/Coletivo Enoá, 2013. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/ancestralidadeafriicana/albums>. Acesso em: 25 nov. 2022.

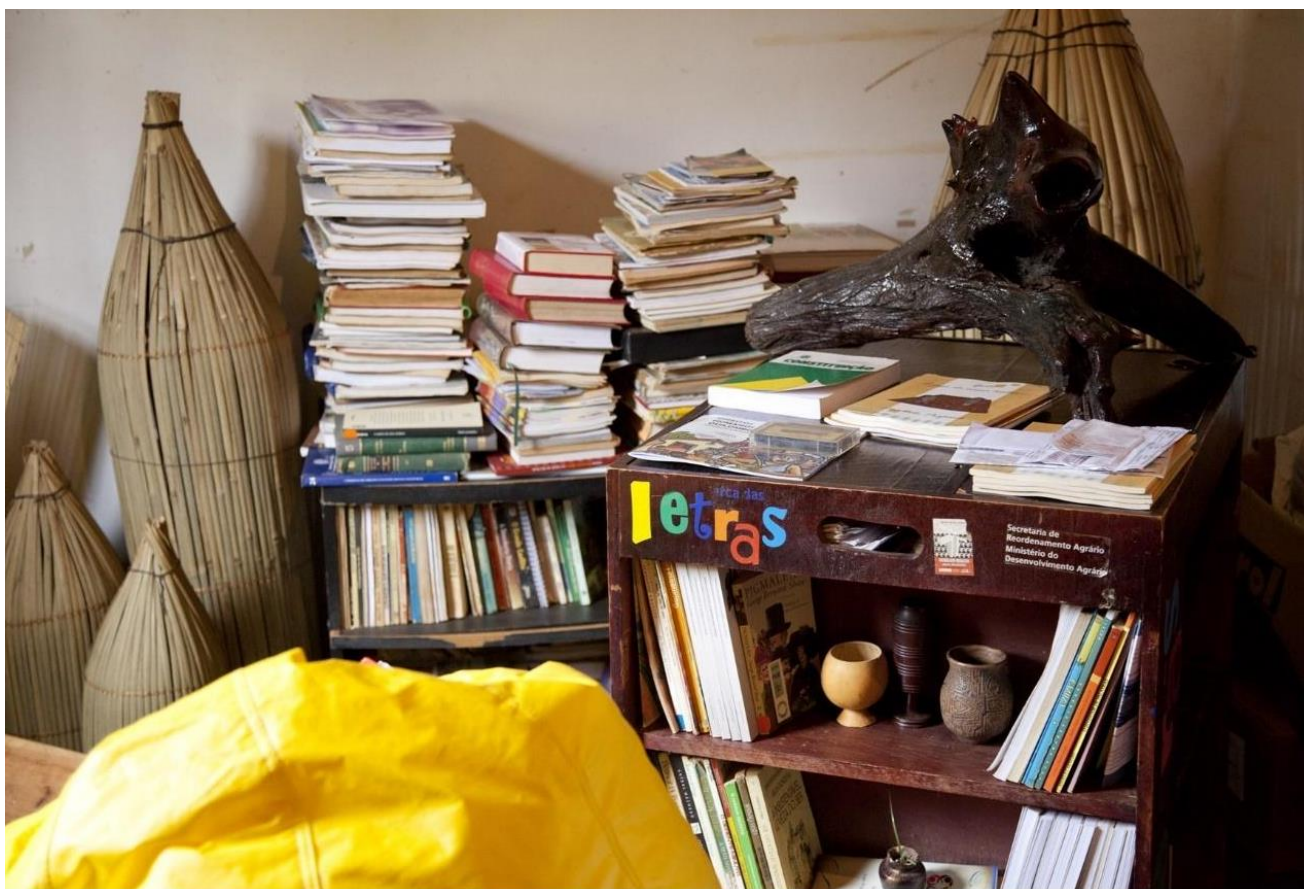


Fig. 6: Projeto Arca das Letras. Fonte: Fotografia cedida por Sandra Pereira Braga, 2021.

Da busca por ouro no Centro-Oeste à construção de Brasília, os quilombolas do Mesquita estavam presentes. Para a construção de Brasília, parte de seu território foi cedida (ANJOS, 2006), mas o Quilombo enfrenta ameaças constantes com a especulação imobiliária e perda das terras, uma vez que a titulação ainda não foi efetivada (FELLET, 2018; NERES, 2015). Portanto, a história do Quilombo Mesquita não ficou no passado, faz parte da história de Brasília, do presente e futuro da Região Centro-Oeste.

3 Ilé Wa Quilombo Mesquita: arquitetura que nasce da terra

Para o desenvolvimento de um projeto condizente com o sentido de liberdade, o partido arquitetônico levou em consideração: i) memória e relação do povo Mesquita com o território; ii) lógica de configuração do espaço com ênfase na organização permeável e pouco hierarquizada, nos termos da teoria da Sintaxe Espacial; iii) técnicas e materiais buscaram a pertinência e a construção de significados. A Figura 7 mostra o terreno.



Fig. 7: Terreno da Casa Comunitária. Fonte: Fotografia cedida por Sandra Pereira Braga, 2021.

3.1 Território e memória como elementos de partido

De acordo com Augé (1992) e Certeau (2000), quando tratamos de lugares identitários e práticas cotidianas como forma de pensar um espaço que possa agregar pessoas, histórias e tradições, as práticas do lugar nos remetem a espaços como a casa; a moradia como lugar de múltiplas atividades, diferentes faixas etárias, tradições e cultura: uma Casa Comunitária. Como em uma casa, o programa arquitetônico proposto foi organizado em setores, mas, diferente da lógica tripartite do espaço doméstico, em que predomina a organização em setores social, íntimo e de serviço, com clara menção à herança escravocrata (TRAMONTANO, 1998; FRANÇA, 2008), no quilombo, o espaço destinado aos serviços é abolido, dando lugar a uma estrutura tripartite com ênfase no convívio social, cultural e economia solidária. O conceito é um espaço multiagregador⁵, que acolhe crianças, jovens e adultos, múltiplas atividades, troca de saberes e de fortalecimento da identidade quilombola. Constam do projeto os seguintes ambientes: a) espaço de encontro para reuniões, festas e apresentações; b) cozinha comunitária; c) sala de leitura para o projeto Arca das Letras; d) sala de música para o projeto Som de Quilombo; e) loja para comercialização de produtos da comunidade; f) sala multiuso para reuniões; g) administração; h) sanitários.

Para a definição do partido arquitetônico, foram considerados na composição elementos da história e da tradição da comunidade Mesquita, ou seja, a pertinência arquitetônica (MAHFUZ, 2004). Por isso, o território foi o ponto de partida, como elemento que representa a liberdade e a relação com a terra, lugar de vida e sustento desta comunidade. Da relação do território e a história do quilombo surgiram os três elementos geométricos definidores do partido arquitetônico: o trapézio, a reta e o círculo. O trapézio é a figura recorrente na morfologia desta parte do território Mesquita, particularmente onde está localizado o terreno. Da topografia, a diagonal divide o retângulo em dois trapézios retangulares. O círculo, elemento importante na cultura africana por ter como base o espaço da existência humana e trazer a ideia de uniformidade e

⁵ Multiagregador foi um termo cunhado por Sandra Pereira Braga, líder quilombola, durante conversa em março de 2021.

continuidade (PEREIRA, 2011) também está presente no tacho de cobre da feitura do doce de marmelo, símbolo da comunidade. Por isso, o tacho de cobre está referenciado na abertura localizada no espaço central, criando uma relação direta com o céu, a chuva e a terra. É o lugar onde todos se encontram sob o círculo e, ao mesmo tempo, estão inseridos nele. Sob a projeção do rasgo, a plenária é rebaixada, como no corte AA na Figura 8. Na entrada, o Jardim dos Marmelos representa as três escravas libertas que deram origem ao Quilombo Mesquita, conforme planta baixa na Figura 8.

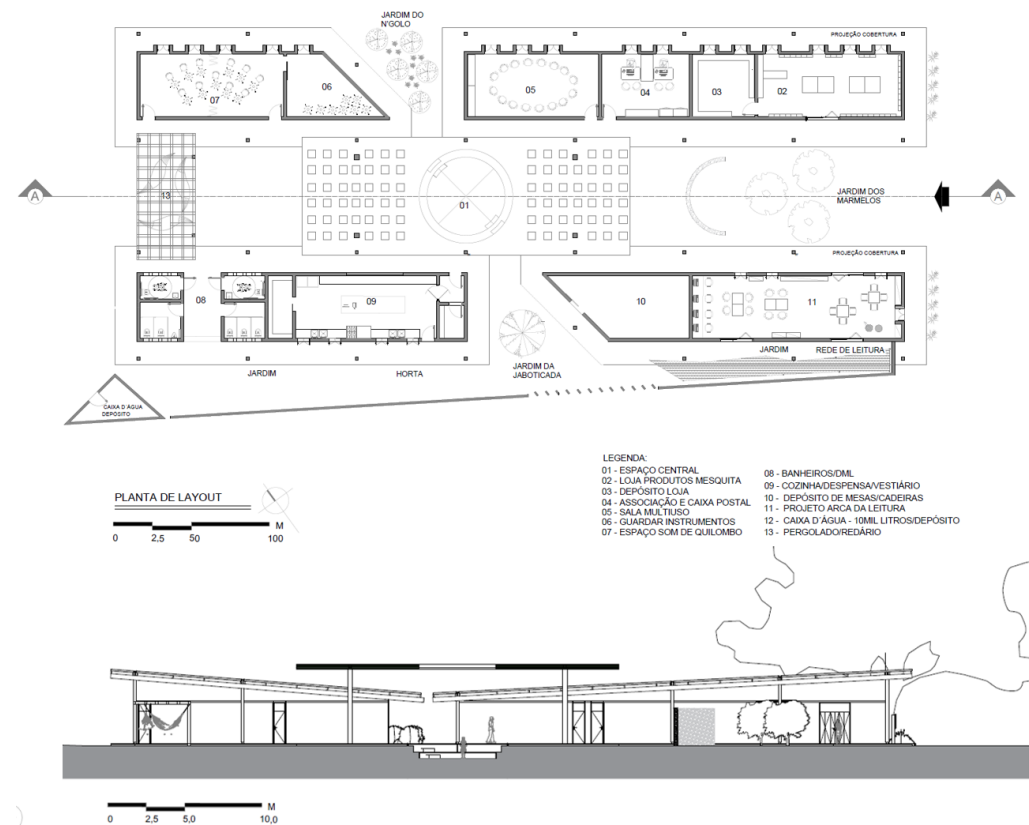


Fig. 8: Leiaute e corte.
Fonte: Autores, 2021.

3.2 Espaço e o sentido de liberdade

Entre as diretrizes do projeto, a configuração é elemento fundamental para materializar o sentido de liberdade. O aparato metodológico da Sintaxe Espacial foi utilizado no estudo da configuração espacial do edifício, considerando as relações básicas entre visibilidade e permeabilidade. A permeabilidade representa a possibilidade de um usuário se deslocar de uma unidade espacial para outra, e visibilidade é a possibilidade de um espaço ou parte de um espaço ser visto a partir de outro (HILLIER, et al, 1976; HILLIER; HANSON, 1984). Foram considerados os seguintes aspectos: i) criar espaços pouco hierarquizados, que evitem segregações e forte controle espacial, características de lugares comunitários e livres, como os quilombos; ii) maior visibilidade e permeabilidade e suas relações com padrões de movimento, para criar espaços mais intensamente utilizados, em referência à liberdade tão almejada pelo povo negro; iii) fácil acesso a partir do exterior (raso), relação direta do edifício com a comunidade.

A configuração final do projeto pode ser descrita como a busca por um espaço com centralidade simbólica, configuracionalmente acessível, permeável e integrado. Para cumprir o objetivo de criar um espaço multiagregador e pouco hierarquizado, era necessário não apenas que os espaços usuais (cozinha, sala de leitura, salas multiuso, entre outros) fossem acessíveis a partir da rua, mas que estivessem em relação direta com o principal espaço social, o espaço de encontro. A análise dos grafos de visibilidade⁶ explicita o cumprimento dessas diretrizes de organização espacial.

⁶ Os Grafos de Visibilidade calculam métricas referentes aos campos visuais e foram gerados no software Depthmap 0.8.0. As medidas de conectividade, integração visual e isovistas são importantes para abordar questões relacionadas à cognição espacial, para entender ou prever como a configuração do espaço pode gerar potencial de movimento (CASTRO, 2017). Na legenda, cores quentes significam mais integração e o contrário, menos integração. Ver análise detalhada em FRANÇA; SOUSA, 2022.

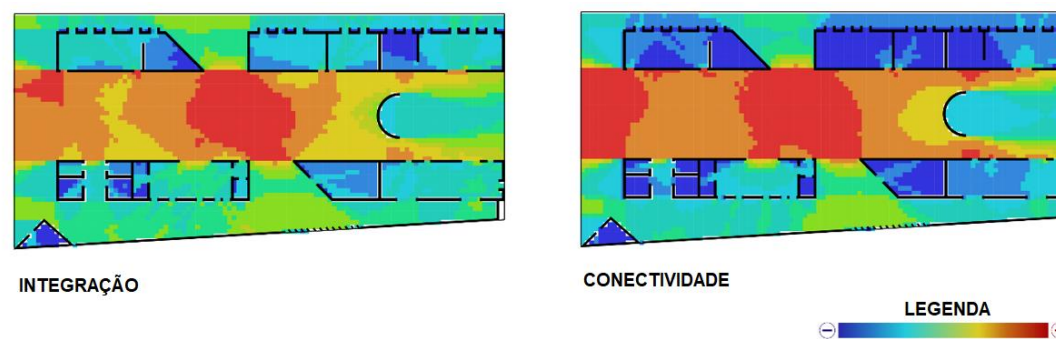


Fig. 9: Integração e Conectividade, elaborada com dados do DepthmapX 0.8.0. Fonte: Autores, 2022.

As medidas de integração e conectividade visual mostram as áreas mais integradas e conectadas, representadas pelas cores mais quentes, conforme Figura 9. O espaço de encontro, no centro do projeto, é o espaço mais integrado do sistema – isso é importante porque a centralidade passa por este espaço, para onde todos os demais se abrem. Espaços do cotidiano (sala de leitura, loja, sala de reunião e música) são integrados, sendo os espaços de apoio (depósitos e banheiros) menos integrados. A cozinha tem papel de destaque, é um dos espaços mais integrados e em relação de permeabilidade com o principal espaço social, o espaço de encontros, a sala da casa comunitária. O grafo de conectividade confirma o espaço de encontro como de maior conectividade visual. Entre os espaços usuais, cozinha e espaço de leitura estão entre os espaços com maior conectividade (FRANÇA; SOUSA, 2022).

A análise de Isovistas utilizou dois pontos: a partir da entrada (01) e do espaço de encontro (02). A isovista 01 apresenta campo visual que abrange a loja e o espaço de leitura, este campo visual é interrompido apenas pelo muro de gabião que separa a entrada do espaço central, estabelecendo assim relação franca do edifício com a rua, conforme Figura 10. Esta aproximação reforça a permeabilidade a este espaço comunitário. A isovista a partir da entrada funciona como um convite para a comunidade, mas o gesto de não entregar diretamente o espaço principal é intencional, um ato de respeito pela trajetória de luta e autogestão da comunidade quilombola. O muro de gabião semicircular foi o recurso usado e tem dupla função: criar um fundo para os três pés de marmelos que homenageiam as fundadoras do quilombo e proporcionar a mediação do tempo necessário para que o espaço de encontro seja finalmente descortinado.

256

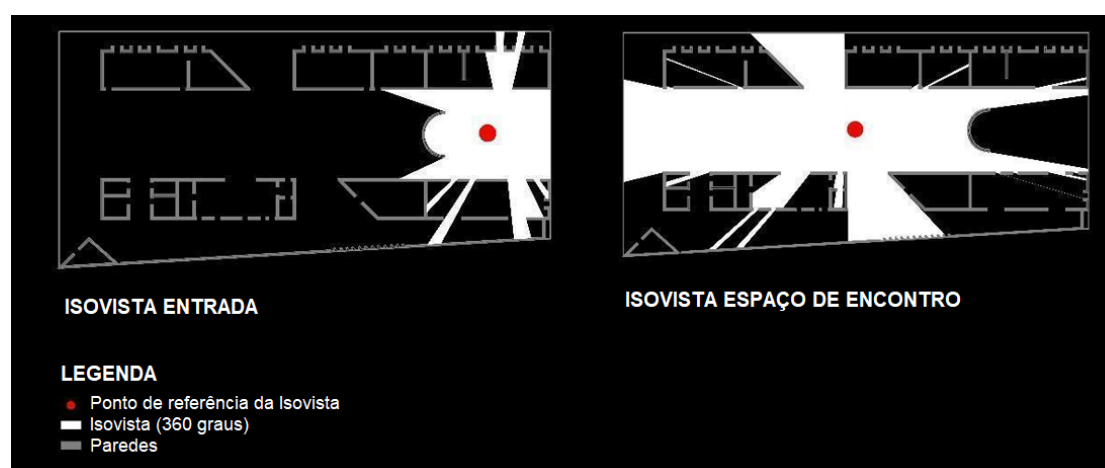
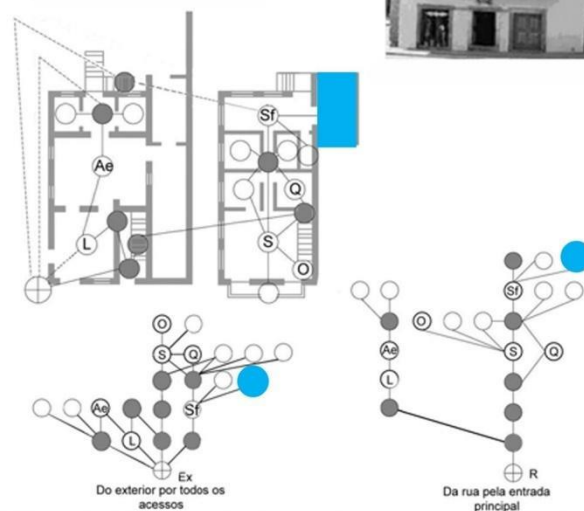


Fig. 10: Isovistas, elaboradas com dados do DepthmapX 0.8.0. Fonte: Autores, 2022.

A isovista 02, do espaço de encontro, revela aspectos importantes: i) explode em várias direções, abrangendo praticamente todos os espaços do cotidiano, com exceção apenas daqueles que estão antes do muro de gabião; ii) estabelece relação visual direta da cozinha com o principal espaço. A cozinha é uma das chaves para entender as relações sociais no espaço doméstico no Brasil, em função de seu passado escravista. Ela sempre foi separada da estrutura doméstica por questões sociais (LEMOS, 1976) e isso é evidenciado por Trigueiro (1994; 2012) em sua análise dos sobrados coloniais. Na Figura 11, em azul, a posição da cozinha nos sistemas analisados por Trigueiro e no projeto em estudo, o autor demonstrou que a cozinha, junto com os espaços dos serviços, sempre foram os mais segregados na estrutura doméstica nos sobrados coloniais do Recife. Segundo ela, “A cozinha (Cz) e a despensa são as últimas células a se atingir. [...] a cozinha (Cz) e os cômodos presumivelmente ocupados por escravos ou criados situam-se na banda mais segregada” (TRIGUEIRO, 2012, p. 206-207).

SOBRADO EM OLINDA

Fonte: SMITH, R. "Arquitetura civil no período colonial" IN *Arquitetura Civil I*, São Paulo, FAU/USP e MEC/SPHAN, 1975 (texto escolhido da revista do IPIAN)



CÔMODOS E FUNÇÕES

● Espaço de transição	L - Loja/armazém	Ae - Aloj. escravos	O - Oratório
	S - Sala de frente	Sf - Sala de fundos	Ex - Exterior
	Cz - Cozinha	Q - Quarto principal	R - Rua



CÔMODOS E FUNÇÕES

● Espaço de transição	L - Loja/armazém	Ae - Aloj. escravos	O - Oratório
	S - Sala de frente	Sf - Sala de fundos	Ex - Exterior
	Cz - Cozinha	Q - Quarto principal	R - Rua

ILÉ WA QUILOMBO MESQUITA

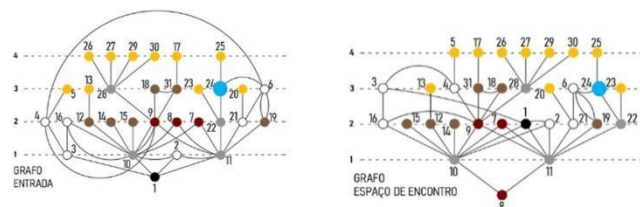


Fig. 11: Sobrados Coloniais de Trigueiro e o projeto. Fonte: Trigueiro, 2012; Autores, 2022.

Portanto, a configuração espacial proposta rompe com a lógica de segregação historicamente encontrada na moradia brasileira (TRIGUEIRO, 1994; 2012) ao colocar a cozinha como espaço integrado e raso no sistema – ou seja, não é distante configuracionalmente –, diferente dos estudos de Trigueiro nos quais está, em relação à rua, entre os espaços mais distantes na estrutura espacial. Este foi um dos objetivos da proposta e denota a valorização desse espaço na dinâmica da casa coletiva (FRANÇA; SOUSA, 2022).

3.3 Materialidade como expressão da identidade quilombola Mesquita

A definição dos materiais considerou o resgate de referências construtivas locais, históricas e contemporâneas. A variedade foi a intenção, uma vez que o Quilombo Mesquita representa múltiplas facetas, e os pontos de partida foram o adobe e o concreto. A ênfase foi dada ao adobe, sem esquecer que os quilombolas também contribuíram para a construção de Brasília, por isso, a presença do concreto – embora tenha forte influência portuguesa, os povos africanos já dominavam a técnica do adobe (SANTOS, 2018). Logo, não é uma técnica construtiva associada aos colonizadores, mas sim aos povos africanos. A decisão levou em consideração o fato de ser a técnica que os quilombolas do Mesquita dominam e de ser um pedido da comunidade, de acordo com a quilombola Sandra Pereira Braga, além de ter a possibilidade de ser feito com matéria prima local. Ademais, tem a simbologia da relação com a terra, elemento-chave na história dos quilombolas, pois o adobe é mais que um material construtivo. A Casa Comunitária é nascida da terra e pelas mãos dos quilombolas.



Fig. 12: Ilé Wa – Fachada principal. Fonte: Autores, 2022.

Assim como o adobe, a pedra é uma das referências construtivas mais antigas, por isso, nesta proposta, será utilizada em duas versões: i) na fundação do tipo baldrame e ii) como muro de gabião. O muro de gabião será usado em dois momentos: no espaço central rebaixado – fazendo papel de muro de arrimo, ao mesmo tempo estrutura permeável e banco, tendo a madeira como assento – e também no elemento vertical que separa o jardim dos marmelos do espaço central. O mesmo recurso será utilizado no muro da fachada lateral esquerda, como mostrado na Figura 12.

Outro material é Madeira Laminada Colada (MLC), uma estrutura pré-fabricada que alia tecnologia e resistência⁷. A tecnologia propicia vencer grandes vãos, o que viabilizou: i) adoção da cobertura solta da construção, dando leveza e ênfase ao adobe; ii) valorização do telhado de uma água, muito encontrado nas casas da comunidade; iii) a escolha pela madeira, ao invés do aço, teve na questão ambiental seu fator decisivo; iv) ser madeira certificada. As águas pluviais são recolhidas

⁷ Esta tecnologia foi adotada na Escola de Canuanã, Tocantins, Aleph Zero e Rosenbaum, 2017, e na Casa Palicourea, Bloco Arquitetos, 2021, localizada na Chapada dos Veadeiros, Goiás.

por calhas transversais ao longo do telhado e armazenadas nos pontos mais baixos do terreno, pensadas para uso do viveiro. A cobertura solta da edificação foi uma das definições de projeto, mas a preocupação com o fechamento do vão entre a construção de adobe e a cobertura exigiu a escolha de outro material, a palha, cuja versatilidade e presença na cultura africana foram decisivos em sua aplicação, tanto para o fechamento externo quanto para o forro nos ambientes internos do projeto.

O concreto foi definido como material para a estrutura e cobertura do espaço central, com o círculo vazado. O traço tradicional do concreto (cimento, brita, areia e água) pode apresentar variações na tonalidade, mas gira entre o cinza claro e o escuro. Na proposta, o concreto ganhou uma versão mais contemporânea e se adequa aos tons terrosos da paleta de cores – as cores amarelo, vermelho e suas derivações (marrons) são obtidas na pigmentação da massa com a adição do óxido de ferro. O concreto já faz parte dos materiais definidos no projeto, em função do protagonismo da comunidade quilombola na construção de Brasília.



Fig. 13: Ilé Wa – Jardim dos Marmelos. Fonte: Autores, 2022.

O piso ganhou relevância no projeto e levou em consideração vários aspectos: praticidade, durabilidade, beleza e relação com a história da comunidade. A escolha foi pelo concreto polido por seu caráter duradouro e fácil manutenção e, dada a grande área de piso, a preocupação foi evitar trabalho de limpeza, normalmente resguardado às mulheres. Isso, aliado à sua resistência e ao fato de poder ser usado em todas as áreas, inclusive áreas molhadas, revelou-se como material a ser usado em todo o conjunto, conforme Figura 13.

Mas o concreto sozinho não caracteriza a Comunidade Quilombola Mesquita, por isso este material foi aliado ao metal, presente na história da comunidade desde o século XVIII: o cobre. Filetes de cobre foram incluídos na paginação do piso nos ambientes de maior uso, o metal é apreciado por sua estética, durabilidade, além de poder ser reciclado inúmeras vezes. Além de ser usado junto com o concreto (piso), está presente na junção de outros materiais, como a pedra e o concreto (espaço central rebaixado, conforme Figura 14), na madeira e o concreto (base dos pilares da cobertura). Portanto, é o elemento que vai "costurar" os outros materiais, dando brilho e beleza, em uma exaltação à história de resistência dessa comunidade.



Fig. 14: Ilé Wa – Espaço Central. Fonte: Autores, 2022.

A vegetação é um dos elementos do cotidiano dos Mesquitenses, está presente no viveiro comunitário, que produz espécies nativas do cerrado e, por isso, foram escolhidas três espécies produzidas na comunidade para o paisagismo: o marmelo, a jabuticaba e o *Hibiscus sabdariffa L.* Além do capim barba-de-bode, típico do bioma cerrado. Essas espécies representam: i) africanidade do *Hibiscus sabdariffa L.*, usado para fazer o *N'golo*, bebida que representa a matriz angolana do Quilombo Mesquita; ii) a brasilidade da jabuticaba; iii) o cerrado com o capim barba-de-bode; e iv) a mesquitania do marmelo.

A paleta de cores é elemento importante do projeto e pode ser denominada como as cores da terra, em alusão ao solo e aos frutos do Quilombo Mesquita. Os tons do amarelo ao vermelho escuro são referências aos produtos encontrados na comunidade, como o açafraão e o *Hibiscus sabdariffa L.*; os tons de marrom e laranja são do solo do Mesquita (NASCIMENTO, 2016) e são encontrados nas paredes externas de adobe cru, no piso e na madeira da cobertura e aberturas. Enquanto as cores laranja e vermelho serão usadas nas bandeiras das portas de madeira e nas janelas, conforme Figura 15.



Fig. 15: Ilé Wa – perspectiva lateral direita. Fonte: Autores, 2022.

No projeto da Casa Comunitária Ilé Wa Quilombo Mesquita, a memória e a relação com o território foram definidores da configuração, técnicas e materiais construtivos. Estes foram cuidadosamente escolhidos com a participação de lideranças quilombolas para criar uma arquitetura que não seja imposta a eles, mas que seja algo que nasce e seja nutrido por eles.

4 Considerações finais

Embora a arquitetura não seja um fator definitivo das relações sociais, ela é um elemento ativo na manutenção de sociabilidades baseadas na opressão. O caminho inverso, proposto por este artigo, é pensar uma arquitetura que seja ativa na representação da liberdade, contrapondo estruturas hegemônicas. O processo de projeto buscou no protagonismo, história e tradições do Quilombola Mesquita a essência desta Casa Comunitária, em termos de programa arquitetônico. E, no território e saberes vernaculares, os elementos para composição e definição da materialidade arquitetônica.

De acordo com Holanda (2007), a arquitetura cria um campo de possibilidades e restrições, de encontros e esquivanças. Ao inverter a lógica histórica de configuração de espaços segregados e hierarquizados, o projeto reconfigura as sociabilidades possíveis na Casa Comunitária. Nesse sentido, o aparato teórico e metodológico da Sintaxe Espacial permitiu chegar a uma proposta, cuja configuração é rasa (fácil acesso), permeável (pouco hierárquica) e com alta conectividade e integração (espaços não segregados). Isso está na relevância dada à cozinha no arranjo espacial ou na centralidade do espaço de encontro, que é o mais integrado do sistema e para onde todos os demais espaços se voltam (sem distinção hierárquica entre eles).

Neste espaço, a centralidade é reforçada com o círculo, elemento sob o qual a comunidade se reúne, e faz referência ao tacho de cobre e à atividade econômica que sustenta a comunidade Mesquita ao longo de séculos, sendo, portanto, o principal espaço de manutenção das tradições da comunidade (festas, reuniões, apresentações culturais, entre outros). Neste espaço central, o piso é terra batida para que todos possam sentir e entrar em contato direto com o solo quilombola, reforçando a importância do território na construção do sentido de liberdade. A terra é base para a técnica construtiva definida pela comunidade, o adobe, que será executado em mutirão, reforçando o sentido de empoderamento e coletividade que está na essência do Quilombo. A vegetação adotada para o paisagismo nasce no viveiro comunitário, representando a africanidade e a brasilidade do Mesquita. A paleta de cores definida para a arquitetura foi escolhida a partir do solo e dos alimentos produzidos pelo Quilombo.

Ao valorizar a memória, os saberes vernáculos e o protagonismo da comunidade quilombola por meio de lideranças, o processo de projeto incorpora práticas do design contra-hegemônico, pois se coloca como manifestação de resistência, questionamento e oposição à lógica predominante de produção de espaço na arquitetura. O projeto se pauta pelo valor simbólico da terra, pelo patrimônio imaterial manifestado nas tradições e na organização social do povo negro. Estes são valores contra-hegemônicos que estão na essência do Quilombo. O resultado é uma arquitetura que nasce da terra e é nutrida pela vivência cotidiana da comunidade, priorizando as possibilidades de encontros, afago, arte, autonomia e liberdade do povo quilombola.

Agradecimentos

Agradecemos à liderança quilombola Sandra Pereira Braga por disponibilizar seu tempo para conversas fundamentais para a definição das diretrizes do projeto. Na pessoa dela, agradecemos a toda a comunidade quilombola Mesquita.

Referências

AGUIAR, V. G. **Conflito Territorial e Ambiental no Quilombo Mesquita, Cidade Ocidental**: racismo ambiental na fronteira DF e Goiás. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 154, 2015.

ANJOS, S. G. Cultura e Tradições negras no Mesquita: Um estudo da matrifocalidade numa comunidade. **PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos**, Brasília, 1, p. 103-119, 01 jan. 2006. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/view/134/123>. Acesso em: 10 mar. 2021.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus Editora, 1992.

BARROS, A. **Contra Covid-19, IBGE antecipa dados sobre indígenas e quilombolas**. Agência IBGE de Notícias, 02 junho de 2020. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br>. Acesso em: 23 fev. 2021.

CASTRO, A. **Análise de Isovistas e Grafos de Visibilidade**. Parte 1: Conceitos, Medidas e Aplicações. Rede Urbana, 2017.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. 5. ed., Rio de Janeiro, 2000.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. **Observatório terras Quilombolas**. Disponível em: <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CONAQ; T. **Racismo e Violência contra quilombos no Brasil**. Curitiba: Terra de Direitos, 2018.

FELLET, J. **A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília e teme perder terras para condomínios de luxo**. São Paulo: s.n. 2018.

FRANÇA, F. C. de. **A indisciplina que muda a arquitetura: a dinâmica do espaço doméstico no Distrito Federal**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FRANÇA, F. C. de.; SOUSA, O. S. Quilombo Mesquita: Space of freedom. **Proceedings 13th international space syntax symposium**, Akkelies van Nes & Remco E. de Koning (Eds). Bergen p. 20-24 June 2022. ISBN 978-82-93677-67-3).

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. MINISTÉRIO DA CULTURA. **África e Brasil. Quilombos no Brasil**. n. 5. Revista Palmares. Brasília, p. 353, 2000.

HILLIER, B., LEAMAN, A., STANSALL, P., & BEDFORD, M. **Space Syntax**. Environment and Planning B: Planning and Design, v. 3, n. 2, p. 147–185. 1976. <https://doi.org/10.1068/b030147>

HILLIER, B.; HANSON, J. **The Social Logic of Space**. Cambridge: University Press, 1984.

HOLANDA, F. B. Arquitetura sociológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. v. 9, n. 1, 2007. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2007v9n1p115>.

INCRA. RTID - **Relatório Técnico de Identificação e Delimitação**. INCRA. Brasília, p. 112- 414, 2011.

LEMOS, C. A. C. **Cozinhas, etc: um estudo sobre as zonas de serviço da Casa Paulista**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

MAHFUZ, E. Reflexões sobre a construção da forma pertinente. **Vitruvius**, 2004. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/606>. Acesso em: 12 abr. 2020.

NASCIMENTO, B. **O conceito de Quilombo e a Resistência Cultural Negra**. Afrodiáspora, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, R. S. M. P. **Qualidade do solo e aptidão agrícolas das terras do Quilombo Mesquita, estado de Goiás**. 2016. xi, 190 f., il. Tese (Doutorado em Agronomia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NERES, M. B. **Educação quilombola em Mesquita: estudo da gestão da escola a partir do processo histórico, emancipatório e das relações de conflito**. Universidade Católica de Brasília, Brasília, p. 150, 2015.

OLIVEIRA, W. S. **Quilombo Mesquita: Cultura, Educação e Organização sociopolítica na construção do pesquisador coletivo**. Universidade de Brasília, Brasília, p. 1-230, 2012.

PEREIRA, V. M. T. B. A herança da arquitetura africana nas comunidades quilombolas. **anais do XXVI Simpósio de História - ANPUH**, São Paulo, p. 01-15, 2011. Disponível em: http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/14/1308185752_ARQUIVO_herancadaarquitecturaafricana.pdf. Acesso em: 02 fev. 2021.

SANTOS, I. R. do. Tá fazendo marmelada, compadre? Um ensaio sobre a cultura do marmelo em Mesquita, Goiás. **3º Prêmio Territórios Quilombolas, por Ministério do Desenvolvimento Agrário**, Brasília, 2011. p. 17-38.

SANTOS, M. P. dos. Arquitetura Vernácula na tradição construtiva quilombola. **Anais do Seminário de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação**, Belo Horizonte, p. 01-11, 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/papcsseminario/75007-arquitetura-vernacula-na-tradicao-construtiva-quilombola/>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SANTOS, N. G. dos. Trajetória, memória e vivência de Valdina Pinto de Oliveira. **Pensando Áfricas e suas diásporas – NEABI – UFOP**, v. 01, n. 01, jan/jun 2015. p. 83-97.

TRAMONTANO, M. **Paris, São Paulo, Tokyo**: novos modos de vida, novos espaços de morar. 399 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TRIGUEIRO, E. B. F. **Change (and continuity) in Domestic Space Design**: a comparative study of nineteenth and early twentieth century houses in Britain and Recife. 1994. Tese (Doutorado) - Faculty Of The Built Environment, University College London, London, 1994.

TRIGUEIRO, E. Sobrados coloniais: um tipo só? Are colonial sobrados seen-one-seen-them-all buildings?. **Cadernos do PROARQ**, n. 19, dezembro de 2012, p. 195-211.